



**COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA: AJUDANDO FAMÍLIAS A SE
COMUNICAREM REDUZINDO CONFLITOS**

Thaís Gaspari

Caxias do Sul, 2020

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
CURSO DE PSICOLOGIA

**COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA: AJUDANDO FAMÍLIAS A SE
COMUNICAREM REDUZINDO CONFLITOS**

Trabalho apresentado como requisito parcial
para aprovação na Disciplina de Trabalho de
Conclusão de Curso II, sob orientação da
Profª Dra. Rossane Frizzo de Godoy.

Thaís Gaspari

Caxias do Sul, 2020.

AGRADECIMENTOS E DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, primeiramente, aos meus pais, Margarete e Gilberto, principalmente à minha mãe que, em diversos momentos, deixou seus desejos de lado e colocou a minha educação em primeiro lugar na sua vida. Mãe, tu és a minha inspiração de vida e eu te amo infinitamente, obrigada por abrir mão da tua vida e colocar a nossa em primeiro lugar. Sou grata por cada conselho, e principalmente por acreditar em mim quando eu mesma não acreditava mais. À minha irmã, Nicole, por servir de inspiração – tanto academicamente quanto de vida. Aos meus avós, principalmente paternos que, mesmo sem entender direito o que eu estudava, sempre me apoiaram, amaram e cuidaram incondicionalmente. Minha família linda, muito obrigada por cada mensalidade paga com o suor do trabalho de vocês, e por cada frase de motivação e apoio, tenho certeza que eu não seria nem metade do que eu sou hoje sem vocês para me acompanharem, guiarem e aconselharem. Eu amo vocês, MUITO obrigada por acreditarem em mim e na profissão que escolhi seguir.

Também sou grata a todos os colegas que tive o prazer de conhecer e compartilhar histórias e conhecimentos nesta minha longa trajetória acadêmica. Mas, principalmente, aos colegas que viraram amigos, leais e sinceros, e que sei que me acompanharão para o resto da minha vida. Vocês fizeram todos os meus passos serem dados com mais firmeza e certeza, e, por muitas vezes confiaram em mim e no meu potencial intelectual e acadêmico quando eu mesma não acreditava. Em especial, Marina Gabriela e Guilherme; queria que vocês soubessem que tem muito de vocês em cada linha desse trabalho e, sei que caminharemos juntos mesmo depois de finalizarmos – também juntos, esta graduação. Obrigada por dividirem as experiências e os medos de vocês comigo, sou muito feliz por trilharmos juntos esse caminho, e por crescermos tanto os três juntos. A estes e todos os meus outros amigos: muito obrigada por todo o suporte, carinho e paciência. A amizade de vocês é primordial para a minha vida.

Sou imensamente grata à todos os mestres que foram meus professores, e que nunca mediram esforços para que os seus alunos recebessem todo o conhecimento necessário para exercer a Psicologia com coragem, empatia e maestria. Em especial à minha orientadora neste trabalho, Rossane, por ser tão calma e paciente e por sempre dizer que tudo ia ficar bem. E ficou! Obrigada por acreditar em mim e no meu potencial, profe, foi um prazer compartilhar contigo esse momento tão importante da minha graduação.

Ademais, sou grata a todos que cruzaram o meu caminho e, às vezes sem nem saber, me inspiraram de alguma maneira à ser exatamente quem eu sou hoje – pessoal e profissionalmente.

“Um sonho sonhado sozinho é um sonho. Um sonho sonhado junto é realidade.”
Graças a todos vocês, o meu sonho nunca foi sonhado só. Muito obrigada!

SUMÁRIO

| | Página |
|---|--------|
| RESUMO..... | 7 |
| INTRODUÇÃO..... | 9 |
| OBJETIVOS..... | 12 |
| Objetivo geral..... | 12 |
| Objetivos específicos..... | 12 |
| REVISÃO DA LITERATURA..... | 13 |
| Família, a comunicação e suas relações por meio do viés Sistêmico..... | 13 |
| A comunicação não-violenta (CNV)..... | 18 |
| Possíveis aplicações da comunicação não-violenta (CNV) nas relações familiares..... | 20 |
| MÉTODO..... | 24 |
| Delineamento..... | 24 |
| Fontes..... | 24 |
| Instrumentos..... | 25 |
| Procedimentos..... | 26 |
| Referencial de Análise..... | 26 |
| RESULTADOS E DISCUSSÃO..... | 27 |
| Categoria 1: Subsistemas Familiares..... | 31 |
| Categoria 2: Problemas de comunicação..... | 34 |
| Categoria 3: Comunicação não-violenta (CNV)..... | 38 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 41 |
| REFERÊNCIAS..... | 43 |

LISTA DE TABELAS

Página

| | |
|--|----|
| TABELA 1. Categorias de análise e seleção de cenas do filme <i>Uma prova de amor</i> | 27 |
|--|----|

RESUMO

Os membros que compõem o sistema familiar mudam e evoluem com o tempo, concomitante à essa ocorre também mudanças nos padrões comunicacionais dessa família. Tais evoluções da família e de seus membros diante das etapas da vida, são caracterizadas por mudanças também, nos hábitos, atitudes, comportamentos, rituais, etc. E, todas essas transformações, exigem que a forma como a família se comunica, modifique-se também, podendo haver conflitos em inúmeros desses movimentos. A maior parte dos problemas de comunicação que resultam em conflitos advém da maneira como esses indivíduos expressam suas emoções e sentimentos para seus familiares, nessa mesma rede relacional. A comunicação não-violenta surge, então, como uma nova maneira de expressão dos sentimentos e, no presente trabalho, foi usada como possível método a ser utilizado com foco na melhora da comunicação familiar, reduzindo conflitos. Tendo esta temática como foco de trabalho, possui como objetivo geral identificar possíveis contribuições da comunicação não-violenta (CNV) para a resolução de problemas de comunicação de famílias na perspectiva da Terapia Familiar Estrutural. Por objetivos específicos, são apresentados: caracterizar relações e comunicação familiar por meio da perspectiva Sistêmica, bem como analisar conflitos familiares que são advindos da má comunicação, conceituar comunicação não-violenta (CNV) e articular os aspectos da CNV com os problemas de comunicação das famílias. Os materiais utilizados para a construção do trabalho foram baseados na linha teórica da psicoterapia Sistêmica, analisando historicamente o conceito e a formação das famílias, a fim de entender quais são as mudanças que ocorreram nesses últimos anos, e como tais mudanças impactam também na forma de comunicação desses indivíduos. Assim, busca-se compreender de que forma a comunicação é aprendida e expressa dentro dessa família e como os conflitos advindos da comunicação incorreta ocorrem. Para a realização deste trabalho, foi realizada uma pesquisa do tipo qualitativa, com cunho descritivo exploratório e interpretativo, utilizando análise de conteúdo, como referencial para a análise. Ademais, foram analisados recortes de cenas do filme *Uma prova de amor*, como fonte para uma melhor análise e expressão das possíveis aplicações da CNV para redução de conflitos familiares. Tais recortes foram agrupados em categorias que envolvem os subsistemas e a forma de comunicação utilizada pelos personagens, bem como a ocorrência de problemas de comunicação/conflitos/violência ou não, também o uso de algum dos aspectos da CNV. Pode-se considerar, a partir da análise e discussão dos resultados que os erros comunicacionais afastam os membros da família, podendo deixar registros e refletindo nas relações durante toda a vida dos indivíduos. Foi possível constatar que, a comunicação não-

violenta, auxilia na resolução de problemas familiares, diminuindo os conflitos, especialmente quando a família muda sua forma de se comunicar, tornando a comunicação mais compassiva, atenciosa e empática.

Palavras-chave: Psicologia, Família, Comunicação não-violenta, Perspectiva Sistêmica, Conflitos familiares.

INTRODUÇÃO

Pelizzoli (2012) afirma que só o comunicar-se deixa claro o que possuímos como ápice da vida: o relacionar-se. O autor também refere-se à comunicação como o exercício da vida sistêmica e, concomitantemente à linguagem, e ambas constituem o que somos a cada momento (dentro e fora desse seio familiar). Parzianello (2019) complementa afirmando que em cada contingência, ainda que, expostos às precariedades que nos desestabilizam e que permitem novas possibilidades de significação, os sujeitos são o resultado das significações, que se revelam a partir das formações discursivas e das marcas que constituem nossas identidades. Historicamente, nossas narrativas, memórias, feitos, sonhos, ideais, textos, discursos, etc. somente acimentam o quanto somos seres de significação. Desde quando um ancestral nosso emitia sons em cima de uma árvore para comunicar-se com os demais e avisar ao grupo sobre um animal predador, até os dias atuais, por meio de *emojis* nas redes sociais (Pelizzoli, 2012).

Então, mediante experiência laboral, na qual tive o prazer de ser instigada a ler o livro *Comunicação Não-Violenta: Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais* de Marshall B. Rosenberg (2013), escolheu-se este tema. Em todo o período de leitura do livro e auxílio na elaboração dos materiais, eu não parava de pensar em como todas as pessoas deveriam ler esse livro. Fez-se necessário entender um pouco mais sobre os processos de comunicação e, a partir disso, percebeu-se que os humanos estão sempre se comunicando. Também, a comunicação não-violenta (CNV) como um todo poderia melhorar e facilitar os processos comunicacionais, principalmente dentro das famílias.

Ademais, na disciplina de Família e Processos Psicossociais e Psicologia e Psicoterapia Sistêmica, que tiveram como ministrante a professora Dra^a Bruna K. von Muhlen, foi enfatizado sobre a importância da família para a comunicação dos indivíduos. Em outras palavras, a família é a primeira instituição a facultar as relações, e o modo como a própria família se comunica – entre ela e com as outras pessoas que convivem com a mesma. Essas relações e ensinamentos implicarão em como os integrantes dessa família se comunicarão ao longo de suas vidas. É dentro do seio familiar que se desenvolvem os processos de comunicação primários e são eles que determinarão o maior ou menor sucesso no desenvolvimento pessoal e social dos seus membros.

Estudos na área comprovam que alguns dos fatores que contribuem para disfunção no âmbito familiar são: divórcios, número e idades de filhos e enteados, mudanças geográficas, doenças prolongadas de membros da família, experiência de abuso físico e sexual, psicopatologias como esquizofrenia ou depressão, dentre outros (Mangueira &

Lopes, 2014). No presente trabalho, se fará uso do artefato cultural cinematográfico *Uma prova de amor* (2009), no qual o fator que contribuiu para a alteração da homeostase da família é a doença prolongada de um dos membros da família, no caso, da Kate, filha mais velha de Sara e Brian. Em tais estudos, também destaca-se a comunicação hostil como um relevante atributo, fator crítico que regularmente se apresenta na família disfuncional. “As famílias disfuncionais são aquelas nas quais existe um funcionamento patológico com relação à comunicação, caracterizado pela ausência de espaço para a expressão de sentimentos, ideias e opiniões ou outra forma de ser ouvido e/ou compreendido” (Mangueira & Lopes, 2014, p. 152). A partir disso, o déficit no processo de comunicação afeta não apenas a interação do doente com a família, mas também sua relação com a sociedade como um todo.

O funcionamento familiar depende muito da coesão comunicacional também e, muito dos estilos e meios de comunicação adotados pela família resultarão - ou não, em compreensão e empatia dentro do seio familiar. “Para além disto, ao nível pessoal, um bom desenvolvimento, cognitivo e afetivo, está também intimamente ligado a um bom nível de comunicação familiar. Por outro lado, uma comunicação negativa dentro da família vai fomentar o distanciamento e a rejeição” (Correia, 2015, p. 20). Problemas gerados pela falta de clareza da comunicação também podem ocorrer.

A CNV surge, então, como forma a diminuir a disfunção comunicacional e os possíveis conflitos gerados a partir dela, que surgem no seio familiar. Rosenberg (2013) explica que quando entende-se o que se quer e o que se espera do outro nessa relação dual de fala e escuta, é possível agir com compaixão e aplicar a real empatia nas relações, diminuindo assim os conflitos. No momento em que o foco é em entender os próprios sentimentos e o que o outro sente perante algo, sem julgá-lo, mas sim ouvindo-o e o acolhendo, a pressa do dia-a-dia, o estresse e os outros compromissos já não tem tanta importância. O importante, no momento da conversa com o outro - principalmente esse sendo um familiar seu, é estar ali de corpo e alma, genuinamente compassivo e pronto para entender e fazer trocas, visando a escuta empática e se colocar no lugar do outro e ouvir - sem julgamentos. Também, antes de dar conselhos, o foco reside em abrir a mente e o coração e perceber os sentimentos e necessidades do outro, sempre com compaixão, respeito e principalmente atenção, no aqui e agora (Rosenberg, 2013).

Uma vez que a comunicação é fundamental para o bom funcionamento do sistema familiar, é importante referir também que é sempre possível melhorá-la. Então, a relação que pretende-se observar neste trabalho de conclusão de curso é a dos conflitos familiares, por meio do viés sistêmico. Além, como a utilização da CNV, no que diz respeito às famílias se

expressarem – principalmente entre si, diminuiria os conflitos e melhoraria as relações parentais como um todo. Diante do cenário apresentado, este estudo buscará responder ao seguinte problema de pesquisa: Como a CNV pode auxiliar na resolução de problemas de comunicação dentro das famílias?

OBJETIVOS

Objetivo geral

Identificar possíveis contribuições da Comunicação Não-Violenta (CNV) para a resolução de problemas de comunicação de famílias na perspectiva da Terapia Familiar Estrutural.

Objetivos específicos

Caracterizar relações e comunicação familiar por meio da perspectiva Sistêmica.

Analisar conflitos familiares que são advindos da má comunicação.

Conceituar Comunicação Não-Violenta (CNV).

Articular os aspectos da CNV com os problemas de comunicação das famílias.

REVISÃO DA LITERATURA

Família, a comunicação e suas relações por meio do viés Sistêmico

A família nem sempre teve a configuração e o desenho que possui atualmente. Ela tem sofrido transformações contínuas e, conforme passam os anos, mais opções de configurações e sistemas familiares surgem (Amazonas & Braga, 2006). Inúmeras transições ocorreram nos últimos anos e os principais âmbitos de mudança foram as demográficas, principalmente às referidas a maior longevidade humana; a participação crescente da mulher no mercado de trabalho; o divórcio e as organizações familiares distintas da família nuclear tradicional; o controle sobre a gravidez a partir dos métodos anticoncepcionais e as transformações ocorridas nos papéis parentais e de gênero. Dois pais com filhos adotados, duas mães sem filhos, filhos frutos de *barrigas de aluguel*, pais transgêneros, mães solas, etc. Em contrapartida, apesar das grandes transformações ocorridas dentro das famílias, pode-se afirmar que ela ainda é idealizada e desejada pela maioria dos indivíduos e continuará a existir, independentemente de sua configuração, pois é quem garante à criança, bem como aos novos sujeitos que se apresentam ao mundo, o direito ao amor, ao acolhimento no mundo humano e à palavra (Amazonas & Braga, 2006).

Com isso, cada vez mais surgem autores e pesquisas sobre as dinâmicas e a comunicação familiar, bem como obras sobre suas funções e valores perante a sociedade. Nos estudos de Morgado, Andrade, Santos e Narezi (2014) fica evidente o quanto é complexo falar de família, já que esta é posta como a *base*, sendo a própria base diferente entre si. Os autores pontuam o quanto a família, enquanto um sistema, se move no tempo e este mover-se não se dá apenas pelo tempo, mas também por meio do subjetivo ciclo vital de cada família (Morgado et al., 2014). Na pesquisa de Cervený e Berthoud (em Morgado et al., 2014), sobre a família e o ciclo vital, bem pontuam tal complexidade

Não nos sentimos muito à vontade quando vamos falar a respeito de família brasileira por exemplo. A diversidade de modelos, a amplitude de território, as diferentes colonizações, a miscigenação as imigrações, as monstruosas diferenças socioeconômicas existentes em nosso país tornam difícil a generalização de uma família brasileira. (p. 06)

Contudo, diversos autores concordam quanto ao fato de a família ser compreendida como uma instância mediadora entre a pessoa e a sociedade, ou como a primeira referência para a pessoa, ainda na infância, a partir da qual, com base nas inter-relações de seus membros, formam-se as primeiras regras, valores e crenças dos indivíduos (Baptista & Teodoro, 2012). A família, no entanto, vai além da simples soma de seus componentes; a

partir do viés Sistêmico, ela é considerada um organismo vivo, com leis intrínsecas que mantêm seu funcionamento e sua homeostase, que possui uma autorregulação própria e subjetiva e uma estrutura estável, mas com certa flexibilidade para permitir alterações com o passar do tempo.

Partindo dos princípios Sistêmicos, tal viés também conceitua a família como um sistema global, um todo. Dentro disso, surgem as relações e emoções, que podem ocorrer com ou sem os vínculos biológicos. Tal sistema possui como características principais: estar em constante transformação, ser ativo e autorregulado, estar aberto à interação com outros subsistemas e organizar-se em uma hierarquia de forma sistêmica (Portugal & Alberto, 2010).

A partir dos conceitos instituídos pela terapia familiar estrutural, a família é vista como um sistema e este é formado por vários subsistemas, sendo assim, cada indivíduo dentro dessa família também é um subsistema da mesma. As famílias possuem, como principal característica, essa estruturação de divisão por subsistemas. Esses são definidos por geração, gênero e função, também são demarcados por fronteiras interpessoais, ou seja, barreiras invisíveis que organizam e regulam a quantidade de contato entre/com os outros subsistemas (Minuchin, Lee & Simon, 2008). As características de cada um desses subsistemas familiares estão diretamente ligadas a funções de cada um deles e dos membros que o compõem, bem como, vinculados aos valores da cultura e sociedade. Ademais, “cada subsistema possui uma delimitação própria, um contorno próprio que se desenvolve na dependência de suas interações ou trocas com os demais subsistemas familiares” (Calil, 1987, p. 23).

A família também é organizada a partir dos acordos que transpassam a convivência, dessa forma, os indivíduos se dividem dentro dos subsistemas menores e desenvolvem papéis diferentes em cada um deles, como por exemplo; no subsistema conjugal, parental e fraternal (Minuchin et. al, 2008). Nessa perspectiva, a família é entendida como um sistema que se apoia em uma possível estrutura hierárquica, constituída em subsistemas, ou seja, ela própria contendo outros sistemas com regras que regulam os relacionamentos entre si (Minuchin et. al, 2008). “Cada um desses subgrupos possui tarefas específicas dentro da família. Por exemplo, cabe aos cônjuges funcionarem juntos no que concerne a tomar decisões, preencher necessidades de interdependência sexuais e muitas outras necessidades que um casal possua” (Calil, 1987, p. 23).

O subsistema conjugal, tido como um dos modelos de formação inicial de uma família, é construído quando dois adultos se unem com o propósito expresso de formar uma família. Sabe-se que, nessa nova relação, ambos trazem consigo valores e experiências individuais, muitas dessas advindas de sua família nuclear. O subsistema conjugal tem tarefas e funções

específicas, vitais para o seu funcionamento e para que seja visto como uma relação saudável (Minuchin et al, 2008). O casal deve desenvolver padrões de complementaridade que permitam a cada um envolver-se com o outro, sem a sensação de deixar a si mesmo de lado. Após o nascimento do primeiro filho, o subsistema conjugal modifica-se, inaugurando o subsistema parental. Esses novos pais precisarão, então, separar os desafios da conjugalidade, dos da parentalidade, passando a fazer parte simultaneamente dos subsistemas conjugal e parental. O subsistema parental deverá, por conseguinte, ser visto como um sistema separado, para que esses novos pais possam desempenhar os desafios da criação de uma criança, mas sem perder o apoio mútuo, bem como as demais características que definem o subsistema conjugal que foi construído por eles anteriormente (Minuchin et al., 2008).

Também cabe ao subsistema constituído pelos pais - juntos e por meio de um relacionamento individual com cada um dos filhos, ensinar cuidados físicos e, além desses, ensiná-los a desenvolver e entender as relações e seus sentimentos (de amor, respeito à individualidade, solidariedade, etc.) bem como ajudá-los nas reflexões sobre os sentimentos vistos como *ruins*, como por exemplo, os de medo, inveja e ciúme. É importante ressaltar a importância da escola nessa relação; como os filhos trazem os ensinamentos desse ambiente para dentro de casa e da relação familiar e, o quanto isso ocorre cada vez mais com o passar dos anos e das noções de aprendizagem. Já o subsistema dos filhos, denominado fraternal, é envolto por apoio mútuo, bem como pela brincadeira e pela competição (Calil, 1987).

Com base no que foi exposto, torna-se evidente a importância da compreensão sobre a subjetividade das famílias e, consecutivamente, de seus sistemas e subsistemas. A organização e estruturação de cada família submete-se a forma como seus subsistemas interagem entre si e com os sistemas unitários.

Sobre o modo de *separação* de cada um desses subsistemas familiares, existem as fronteiras. “Como nas membranas de células vivas, as fronteiras protegem a condição de estar separada e a autonomia da família e de seus subsistemas” (Nichols & Schwartz, 2009, p. 115). Para que se mantenham as características e diferenciação de cada subsistema, as fronteiras precisam ser bem delimitadas e todos os membros do sistema precisam respeitá-las, pois são elas que garantem uma divisão entre eles.

Tais fronteiras podem ser, por exemplo, rígidas. Nessas, a família não consegue mobilizar apoio quando necessário. Os pais mostram-se desligados – à título de exemplo; podendo não perceber que um filho está deprimido ou com dificuldades na escola até o problema avançar muito (Nichols & Schwartz, 2009). Outro exemplo, são as famílias nomeadas emaranhadas, que também mantêm tal característica em suas fronteiras. Nessas,

as fronteiras também são difusas e os membros da família reagem exageradamente e se envolvem com os outros de maneira intrusiva. Pais emaranhados criam dificuldades, impedindo o desenvolvimento de formas mais maduras de comportamento em seus filhos e, diminuem as suas capacidades ao interferirem na tentativa de os mesmos resolverem os próprios problemas (Nichols & Schwartz, 2009).

Ainda assim, se torna mais exato falar sobre subsistemas específicos como emaranhados ou desligados e não as fronteiras gerais da família. De fato, emaranhamento e desligamento, costumam ser recíprocos, de modo que, por exemplo, seja provável que um pai que seja excessivamente envolvido com seu trabalho, se envolva menos com a família. Um padrão ainda muito visto e o arranjo característico das famílias de classe média é a síndrome mãe emaranhada/pai desligado (Minuchin & Nichols em Nichols & Schwartz, 2009).

Para evitar tais padrões inflexíveis, torna-se imprescindível a existência da permeabilidade nas fronteiras que fazem a divisa desses sistemas e subsistemas, sendo que estes, poderão exercer suas tarefas específicas quando houver permeabilidade nas fronteiras que as delimitam, entretanto se tal característica fundamental não existir, a interação ou troca não será possível e o sistema poderá enfraquecer por falta de informação (Calil, 1987).

Tal permeabilidade é baseada nas variações de proximidade dos membros da família, ou seja,

se um dos pais for muito próximo de seu filho, diz-se que o limite entre pai e filho é permeável. De modo complementar, a mãe pode estar relativamente não-envolvida com o pai e o filho; o limite entre o subsistema pai-filho e a mãe é então chamado de rígido. Em outra família, o limite entre o sistema parental e o subsistema filial pode ser extremamente permeável, refletindo a participação dos filhos nas condutas dos pais uns com os outros e/ou a intrusão dos pais no funcionamento dos filhos (Minuchin et al., 2008, p. 55).

Complementando a ideia sobre a variação de proximidade dos membros de uma família, a maioria dos indivíduos aprendem as primeiras convenções sociais e desenvolvem os próprios padrões de comportamento e conduta por meio da dinâmica familiar e da intergeracionalidade (ensinamento que é transferido de pais para filhos). Na dinâmica familiar é que se concentram os modelos de relações sociais dos seus membros, estes lhes permitem não só a reprodução, mas também o desenvolvimento de novas relações, desde laborais, de parentesco, de amizade e até mesmo a construção de uma nova família (Baptista & Teodoro, 2012).

A família também possui como funções promover socialização, educação, prover financeiramente e gerar proteção, amor e afeto aos seus membros. Contudo, ainda há mais funções além destas pois, na dinâmica familiar regras, papéis e as obrigações são ensinados e assimilados por seus membros e, com o tempo, são também transmitidos valores éticos e culturais, crenças, sentimentos e condutas. Consumando que, no contexto familiar, é a qualidade das relações e interações entre seus membros que torna possível as trocas afetivas reais. Ademais, a família ainda pode ser considerada um “dispositivo social capaz de influenciar as pessoas em seus relacionamentos, colocando-se como um dos pilares da vida psicológica dos indivíduos” (Baptista & Teodoro, 2012, p. 27). Além de influenciar de modo contundente os padrões de comportamento, padrões comunicacionais, o sentimento de pertencimento social e a saúde psíquica dos indivíduos (Baptista & Teodoro, 2012).

O exercício da parentalidade “representa um modelo de funcionamento familiar caracterizado pela experiência emocional e por funções executivas específicas” (Portugal & Alberto, 2010, p. 387). Então, a forma como essa família se comunica torna-se um conceito essencial para o possível entendimento das dinâmicas relacionais que acontecem ao nível da parentalidade dentro de cada sistema familiar. Bem como, compreender de que maneira cada membro se comunica, isoladamente. Não esquecendo suas particularidades e sempre levando em conta a subjetividade de cada um desses sistemas familiares e de seus membros.

Os estudos sobre a comunicação no campo da perspectiva Sistêmica propõem que a linguagem seja primordial para a constituição do ser humano, pois cria o mundo e o sujeito desse mundo a partir de um domínio cooperativo que vai de interações até referenciais compartilhados (Maturana em Baptista & Teodoro, 2012). Andersen (em Baptista & Teodoro, 2012) afirma enfaticamente que “a ação humana se dá pela construção social e do diálogo. Além disso, os seres humanos vivem e compreendem seu viver por meio de narrativas socialmente construídas, que dão significado às suas experiências.” (p. 39)

Torna-se evidente que a maneira de como os indivíduos da família se comportam é determinada pelos sistemas dos quais eles fazem parte. Portanto, o foco de atenção dirige-se para a rede relacional da pessoa (Baptista & Teodoro, 2012). Sendo assim, percebe-se que a comunicação e o comportamento, incluindo não só as palavras com suas configurações e seus inúmeros significados, mas ainda seus concomitantes não verbais e a linguagem corporal, afetam veemente as interações de um sistema. Então, torna-se evidente que todo comportamento tem valor de mensagem, e isso é a comunicação. Palavras ou silêncio, atividade ou inatividade, linguagem corporal, atos, tudo o que fazemos carrega um valor de mensagem e influencia as pessoas. Essas, por sua vez, também são influenciadas pela mensagem que lhes é transmitida (Baptista & Teodoro, 2012). Ademais, Nichols e Schwartz

(2009) clarificam que, o foco no processo de comunicação familiar mantém-se em modificar “como as pessoas falam, em vez do seu conteúdo, ou sobre o quê elas falam.” (p. 115)

A comunicação não-violenta (CNV)

Marshall B. Rosenberg foi um psicólogo, idealizador das técnicas de CNV e escritor do livro *Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais* (2013), além de ter diversas publicações com a temática de linguagem e de relacionamentos familiares. Rosenberg (2013) explicita que “é de nossa natureza gostar de dar e receber de forma compassiva.” (p. 19) O autor menciona que se preocupou com duas questões durante a sua vida, “o que acontece que nos desliga de nossa natureza compassiva, levando-nos a nos comportarmos de maneira violenta e baseada na exploração das outras pessoas? E, inversamente, o que permite que algumas pessoas permaneçam ligadas à sua natureza compassiva mesmo nas circunstâncias mais penosas?” (Rosenberg, 2013, p. 19). E foram essas as perguntas que o estimularam a criar as técnicas, escrever e aplicar durante toda sua vida CNV.

A CNV “parte do princípio de que todo ser humano possui necessidades e que essas geram sentimentos, que são expressados através da comunicação” (Rocha, 2017, p. 04). Também, é uma abordagem para entender e combater a violência no sentido mais amplo, o enfoque são as formas de comunicação com os outros, mas também, em como os nossos sentimentos e emoções – intencional ou não intencionalmente, influenciam no nosso comportamento e, consecutivamente, nas nossas relações. A CNV, segundo seu criador, possui como objetivo “nos lembrar do que já sabemos - de como nós, humanos, deveríamos nos relacionar uns com os outros - e nos ajudar a viver de modo que se manifeste concretamente esse conhecimento” (Rosenberg, 2013, p. 21).

Por meio da CNV pode-se reformular a maneira pela qual os indivíduos se expressam e ouvem uns aos outros. Ao invés das palavras serem repetitivas e automáticas, elas se tornam mais conscientes, e bastante apoiadas na consciência do que o indivíduo percebe, sente e deseja. Ela inspira à expressão com honestidade e clareza, “ao mesmo tempo que damos aos outros uma atenção respeitosa e empática. Em toda troca, acabamos escutando nossas necessidades mais profundas e as dos outros” (Rosenberg, 2013, p. 21).

Os quatro principais componentes da CNV são: observação, sentimento, necessidades e pedido. Primeiramente,

observamos o que está de fato acontecendo numa situação: o que estamos vendo os outros dizerem ou fazerem que é enriquecedor ou não para nossa vida? O truque é ser capaz de articular essa observação sem fazer nenhum julgamento ou avaliação -

mas simplesmente dizer o que nos agrada ou não naquilo que as pessoas estão fazendo. (Rosenberg, 2013, p. 25)

Sobre este primeiro componente, a observação, entende-se para que se estabeleça de fato uma comunicação não-violenta, é necessário que o acontecimento seja observado sem nenhum julgamento, ou seja, com neutralidade. Quando tal neutralidade não ocorre, o que pode ocorrer é algum tipo de julgamento, ocasionando também uma avaliação dos indivíduos envolvidos na observação. As observações devem ser específicas de/para cada momento, e ocorrer dentro do contexto fatural, desestimulando todos os tipos de generalizações estáticas ou opiniões e pensamentos preestabelecidos (Rocha, 2017).

Em seguida, como segundo componente se tem o sentir. Neste, identifica-se qual o sentimento surge ao observar àquela ação/acontecimento: mágoa, susto, alegria, irritação, etc. Rocha (2017) descreve

Após observar os acontecimentos sem qualquer julgamento, surge o caminho para detectar os sentimentos gerados pelas necessidades. Neste componente da CNV, é importante que você tome consciência de seus sentimentos, saiba expressá-los e se abra para compreender os sentimentos alheios.” (p. 11)

O verbo *sentir* deve vir acompanhado de sentimento e não de pensamento, pode-se dizer, por exemplo: *estou encantado, fiquei chateada, sou grato*, etc. Ou seja, desenvolver um vocabulário de sentimentos que permite identificar, diferenciar e nomear de forma clara e específica as emoções e sentimentos, faz com que aja uma conexão com os outros de forma mais fácil. Permitindo o surgimento do sentimento de vulnerabilidade por meio da expressão desses sentimentos, o que também ajuda nessa conexão, bem como na resolução de possíveis conflitos (Rocha, 2017).

“Em terceiro lugar, reconhecemos quais de nossas necessidades estão ligadas aos sentimentos que identificamos” (Rosenberg, 2013, p. 23). O sentimento que surge advém das necessidades e expectativas que o indivíduo acredita ter naquele momento. Contudo, a maneira como o mesmo escolhe ouvir as mensagens que recebe também possui grande importância nessa relação e, mais importante que tudo isso, continua sendo a percepção sobre qual necessidade precisa ser atendida e não o julgamento dos sentimentos ou da situação como um todo. É comum que se fale sobre as necessidades de modo inconsciente e incompreensível para o ouvinte, por isso a importância de um entendimento preciso e, somente depois a expressão desses sentimentos e necessidades (Rosenberg, 2013).

É comum pensar o que há de errado com as outras pessoas sempre que necessidades não são satisfeitas. Escutar os sentimentos e necessidades é importante para que haja uma comunicação expressiva de forma direta e clara. Expressar suas necessidades

diretamente, evita reações defensivas dos outros, pois corta qualquer interpretação errônea que possa ser considerada como crítica e aproxima mais compassivamente a outra pessoa. (Rocha, 2017, pp. 13-14)

O indivíduo, tendo consciência desses três componentes da CNV, consegue compreender o quarto e último componente: o pedido. Ele observa a si mesmo e a situação, de forma clara e honesta, entende como e o quê sente, e percebe o que necessita. Após isso consegue, então, comunicar ao outro o que, de fato, precisa. Ademais, por trás das palavras ditas sempre há um pedido – ainda que implícito, mesmo que seja uma conexão de empatia, ou simplesmente saber qual a reação sincera do ouvinte. Sobre a expressão nos pedidos, deve-se pedir de modo que haja uma resposta compassiva dos outros, por isso, aconselha-se que seja usada sempre uma linguagem positiva e clara ao fazer pedidos. Uma linguagem inespecífica pode atrapalhar, em alguns casos até comprometendo todo o acontecimento relacional e travando o restante da conversação (Rocha, 2017).

A medida que a pessoa consegue manter a atenção concentrada nos quatro componentes e ajuda os outros a fazerem o mesmo, alcança-se o estabelecimento de um fluxo de comunicação dos dois lados, até a compaixão se manifestar naturalmente: o que estou observando, sentindo e do que estou necessitando; o que estou pedindo para enriquecer minha vida; o que você está observando, sentindo e do que está necessitando; o que você está pedindo para enriquecer sua vida. (Rosenberg, 2013, p. 27)

Após, entende-se que a CNV possui duas partes que se complementam: “expressar-se honestamente por meio dos quatro componentes e receber com empatia por meio dos quatro componentes” (Rosenberg, 2013, p. 27).

Então, entende-se que a CNV sustenta-se, basicamente, na habilidade de comunicar-se minimizando resistências, reações defensivas e violentas. Melhora a forma como se expressar, ouvir os outros e resolver conflitos, de modo consciente sobre o que é observado, sentido, necessitado e demandado. A CNV não é uma ferramenta para mudar as pessoas e seus comportamentos, tão pouco obter o que se quer de forma submissa ou imposta, mas de forma livre e compassiva pois o objetivo é constituir relacionamentos sinceros e empáticos. (Rocha, 2017, p. 05)

Possíveis aplicações da comunicação não-violenta (CNV) nas relações familiares

Conforme visto, o ciclo vital da família se modifica e, concomitante à essa acontece a evolução e co-evolução dos membros que compõem um sistema familiar, do mesmo jeito

ocorrem mudanças nos padrões comunicacionais. Esta co-evolução da família diante das etapas da vida, é caracterizada por mudanças também, nos hábitos, atitudes, comportamentos, rituais, etc. E, todas essas transformações, exigem que a forma como a família se comunica, modifique-se também (Portugal & Alberto, 2010).

Para melhor entendimento das transformações que ocorrem dentro das famílias, o conceito de desenvolvimento familiar – a partir do viés Sistêmico, dentro da teoria familiar estrutural, se torna imprescindível. Esse, é baseado no que a cultura prega como comportamento visto como normal para cada indivíduo em determinado estágio do ciclo vital. Por exemplo

a cultura americana contemporânea, por exemplo, espera que os adolescentes pensem e comportem-se de forma diferente das crianças mais jovens e dos adultos. De forma semelhante, há uma pressão da sociedade para que jovens adultos desenvolvam um certo tipo de independência de seus pais (um tipo de independência que as atuais circunstâncias econômicas frequentemente tornam impossível). (Minuchin et al., 2008, p. 56)

Então, diante da responsabilidade da construção da identidade de seus membros, a família deve mover-se para que haja um ajustamento do comportamento dos seus membros. A partir desses, a resposta é o crescimento: à medida que as circunstâncias mudam, a família também muda sua estruturação para conseguir se adaptar melhor às necessidades – que também foram modificadas nesse novo período, acompanhando às novas expectativas (Minuchin et al., 2008).

Entretanto, todos esses processos são subjetivos e imprecisos, portanto, a família pode conseguir se adaptar em um estágio, mas a outro talvez não.

Uma estrutura familiar que é adaptativa em um estágio pode ter uma má adaptação em outro. No estágio inicial do desenvolvimento familiar, a formação de casais requer uma quantidade e uma qualidade de envolvimento entre as duas pessoas que deve mudar assim que uma criança entrar em cena. E as famílias com filhos pequenos requerem um grau de envolvimento entre os pais e os filhos que seria sufocante para os adolescentes. (Minuchin et al., 2008, p. 56)

Retomando o exemplo de uma das tantas mudanças que, inevitavelmente, ocorrem no ciclo vital das famílias: quando os filhos tornam-se adolescentes. Juntamente com as relações estabelecidas entre pais e adolescentes, encontram-se, com frequência, referências relativas à relação entre a comunicação e o exercício da autoridade (Alarcão, Carter, McGoldrick & Relvas em Portugal & Alberto, 2010).

Usualmente, quando ocorrem desentendimentos sem solução entre os membros da família, os mesmos organizam-se hierarquicamente, usando a autoridade como a solução para a questão. A partir disso, alguns membros podem se sentir incomodados e a satisfação nas relações tende a desaparecer. A permeabilidade das fronteiras e a neutralidade na comunicação num geral também sofrem alterações, podendo até deixar alguns membros dessa família de *lados opostos* (Minuchin et al., 2008). Nesse caso, a hierarquia pode ser necessária e útil

a diferenciação de funções com a aceitação da habilidade e a autoridade de um membro em determinadas áreas traz um melhor funcionamento. Nas famílias com filhos, a autoridade dos pais, usada para resolver conflitos, pode ser a salvação, e os filhos aprenderem durante esse processo. Mas quando a força bruta torna-se uma maneira de impor soluções, geralmente apresenta uma má adaptação. (Minuchin et al., 2008, p. 58)

Sobre a força bruta e a violência filio-parental, nota-se que “os filhos tendem a perceber a postura comunicacional dos pais como sendo desafiante, precipitando uma interação negativa” (Eckstein em Portugal & Alberto, 2010, p. 392). Os estudos de diversos outros autores, que tiveram tais dados compilados em Portugal e Alberto (2010), vêm corroborar com a ideia da necessidade de estabelecer limites claros e fronteiras bem definidas entre os subsistemas filial e parental, especialmente em circunstâncias de conflito e provável violência, como as pesquisadas.

Efetivamente, a comunicação parento-filial assume um papel de grande relevância a longo prazo na vida dos adolescentes. Quando ocorre a má comunicação ou algum tipo de padrão comunicacional problemático ou mesmo gerador de comportamentos problemáticos nestes adolescentes, as pesquisas apontam que, por vezes, pode verificar-se o desenvolvimento de psicopatologias (Relvas em Portugal & Alberto, 2010).

Na verdade, a CNV não é uma estratégia que pode-se utilizar em um dia, e descartar no outro. Também não é algo que torna os indivíduos dóceis ou facilmente influenciáveis. Trata -se, isto sim,

de inculcar atitudes positivas em lugar das atitudes negativas que nos dominam. Tudo que fazemos é condicionado por motivações egoístas ("Que vantagem eu levo nisso?"), e essa constatação se revela ainda mais verdadeira numa sociedade esmagadoramente materialista, que prospera com base num duro individualismo. Nenhum desses conceitos negativos leva à construção de uma família, comunidade, sociedade ou nação homogênea. (Rosenberg, 2013, p. 15)

A partir disso, entende-se que na raiz de grande parte, se não de toda, a violência – seja ela física, verbal ou psicológica, existe um tipo de pensamento que divide os lados das situações em *certo* e *errado*. Os conflitos familiares ou entre tribos ou nações, também mantêm esse tipo de pensamento. Atribuem a causa dos conflitos e conseqüentemente da violência resultado dos mesmos (seja ela verbal, física, psicológica ou qualquer outra) ao fato de *os adversários estarem errados*, e aí está a correspondente incapacidade de pensar em si mesmos ou nos outros em termos de vulnerabilidade - o que a pessoa pode estar sentindo, temendo, ansiando, do que pode estar sentindo falta, e assim por diante (Rosenberg, 2013).

Não me surpreende saber que existe consideravelmente menos violência em culturas nas quais as pessoas pensam em termos das necessidades humanas do que em outras nas quais as pessoas se rotulam de "boas" ou "más" e acreditam que as "más" merecem ser punidas (Rosenberg, 2013, p. 40).

A partir dos dados das pesquisas acima citadas, entende-se que: se estes pais e adolescentes fizessem o uso de uma comunicação mais compassiva e prestando a atenção em suas emoções e necessidades, como citam os princípios da CNV, não haveria tantos erros comunicacionais e certamente este fato diminuiria contundentemente os conflitos entre eles.

A longo prazo, “a deterioração na relação entre pais e filhos pode conduzir ao distanciamento e/ou estabelecimento de relações de conflito suportadas numa comunicação ineficaz” (Portugal & Alberto, 2010, p. 393). Tendo em vista o quanto os ensinamentos da CNV poderiam auxiliar, por exemplo, na pesquisa acima citada (Portugal & Alberto, 2010), no qual os estudos trazem a ideia de que a comunicação filial-parental está relacionada à violência, quando esses filhos estão na fase adolescente. Consegue-se descobrir a profundidade da própria compaixão do indivíduo a medida em que o mesmo concentra-se em deixar claro para o outro o que sente e necessita. Deste modo, ao invés de julgar, obtém-se o privilégio de prestar atenção, ouvir e perceber as próprias necessidades. A partir de tal enfoque, a CNV alcança o objetivo de, então, promover o respeito, bem como a atenção e a empatia, constituindo o mútuo desejo de entrega de coração para/diante as relações (Rosenberg, 2013).

MÉTODO

Delineamento

O presente trabalho tratou-se de uma pesquisa do tipo qualitativa, com cunho descritivo exploratório e interpretativo. O delineamento qualitativo tornou-se mais adequado, pois dificilmente os fatos podem ser considerados coisas, visto que os objetos de estudo pensam, agem e reagem. Não é possível, nas ciências humanas, basear a construção em medidas objetivas dos fenômenos estudados, da mesma forma que não é possível quantificar com exatidão inclinações, percepções, preferências, visão de mundo, etc. (Laville & Dionne, 1999).

A pesquisa exploratória, conforme Gil (2008) “têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.” (p. 27) São desenvolvidas tendo como objetivo principal o de proporcionar uma visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.

Além disso, a pesquisa interpretativa compreende a análise e interpretação dos dados a partir dos conhecimentos que já se obtém, tanto pessoais quanto teóricos. Resultando na possibilidade de uma confirmação, modificação ou rejeição do problema apresentado (Laville & Dionne, 1999).

Fontes

Como fonte para uma melhor análise e compreensão das relações e comunicação familiar, optou-se pelo filme *Uma prova de amor*. O título original do drama é *My Sister's Keeper*. Tal artefato cultural estreou em 2009, sob a direção de Nick Cassavetes. Por meio da trama, foi possível dar visibilidade para o problema de investigação deste Trabalho de Conclusão de Curso.

O filme retrata a situação de uma família, cuja filha (Kate) recebe o diagnóstico de um tipo de leucemia raro, ainda na primeira infância. A família, que é formada pelos pais (Brian e Sara) e por mais um irmão mais velho (Jesse), ficam desolados com a notícia. No entanto, nenhum desses atendem aos pré-requisitos de compatibilidade para doação de medula para Kate. Com isso, os pais resolvem fazer uma fertilização *in vitro*, 100% compatível com Kate. Eis que nasce Anna, que desde os cinco anos é submetida a doações para Kate; sangue, medula, entre outros vários procedimentos invasivos e dolorosos. Todos sem grande sucesso.

O ápice da obra se dá quando Anna procura um advogado, com o intuito de requerer sua emancipação médica, visto não querer ser submetida a mais um procedimento invasivo: a doação de um rim para Kate, que está com falência dos órgãos internos. Neste momento, percebe-se o quanto a comunicação da família como um todo é ineficaz. Kate não é ouvida, e Anna, nos momentos em que tenta expressar a sua opinião, é diminuída pelo poder hierárquico – base do funcionamento desta família. Em meio a muitas brigas, principalmente no subsistema formado por Sara e Anna, a família chega ao tribunal para resolver a questão. Em toda a trama fica claro o quanto Sara não consegue conceber a ideia da morte da filha, mantendo brigas constantes com o marido sobre as decisões e até com os filhos. Também, observa-se o quanto esses pais esqueceram da sua relação enquanto casal, bem como deixaram de lado os outros dois filhos, mantendo toda a sua atenção em Kate e em sua doença.

Posteriormente, verifica-se que tal atitude vinda de Anna, para não doar o órgão, parte de uma vontade de Kate, a irmã doente, que quer – finalmente, morrer em paz. Observa-se, no decorrer de toda a trama, o quanto os problemas de comunicação são fortes na dinâmica familiar apresentada. Ademais, percebe-se também o quanto essa mãe está envolvida com a doença da filha, deixando de lado sua carreira, seu casamento e os demais filhos e mesmo assim, acaba não se importando com a opinião da própria doente ou dos outros membros da família. Em uma das cenas mais emocionantes do filme, no último dia da vida de Kate, após uma longa conversa, finalmente Sara entende que ela realmente não aguenta mais viver, e precisa que a mãe a deixe ir. E é o que acontece; Kate morre. Na última cena do filme, a família se reúne no lugar preferido de Kate, no dia aniversário da mesma, para comemorar sua existência, explicitando que a família se manteve unida e conseguiu *seguir com as suas vidas*, apesar de toda dor pela perda dessa filha/irmã.

Instrumentos

No atual estudo, a tabela serviu para que se realizasse o recorte das cenas para posterior categorização e para melhor definição do foco em questão visto que; “tabelas servem, em especial, para reunir os dados tratados” (Laville & Dionne, 1999, p. 267). Após, adicionou-se uma descrição das cenas, bem como comentários específicos e dados para a categorização posterior. Neste tipo de instrumento, os dados da pesquisa se mantiveram originais, mas deixou-se aberta a possibilidade do acréscimo de informações pertinentes ao contexto pesquisado.

Procedimentos

Inicialmente, após a definição do artefato cultural, ele foi assistido repetidas vezes a fim de entender intimamente o contexto familiar e as relações que são demonstradas no filme. Posteriormente, algumas das cenas foram selecionadas para serem descritas e – sucessivamente, categorizadas, de acordo com os objetivos do trabalho. Na sequência, as cenas selecionadas foram analisadas com embasamento na revisão de literatura. Na tabela desenvolvida, também foram adicionados comentários que relacionaram tais cenas com alguns dos conceitos da teoria Sistêmica e da CNV, para facilitar a compreensão e clarificar a categorização.

Referencial de Análise

O modo como os dados obtidos na investigação foram analisados se deu pela análise temática de conteúdo. Laville e Dionne (1999) citam que a análise temática de conteúdo “consiste em desmontar a estrutura e os elementos desse conteúdo para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação.” (p. 214)

Após a coleta de dados, foi preciso uma organização de tal documentação, bem como dos dados obtidos pela análise do artefato cultural escolhido. Ou seja, o recorte das cenas do filme tornou-se de suma importância para a definição das categorias que contemplaram as relações familiares na abordagem estrutural e a CNV. O estilo de categorização escolhido foi o modelo aberto, cujas categorias são definidas à posteriori. O modelo de análise e interpretação de todos os dados foi feito a partir da estratégia de emparelhamento, cujo objetivo foi comparar os dados coletados ao modelo teórico escolhido. A partir disso, conseguiu-se analisar e interpretar os dados mais facilmente, bem como entrelaçar tais dados com o conteúdo da revisão da literatura deste (Laville & Dionne, 1999).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a finalidade de atender aos objetivos do presente trabalho, na tabela 1, serão expostas as categorias e subcategorias e seus respectivos recortes do filme escolhido como fonte de análise deste estudo, *Uma prova de amor* (2009). Cada uma das oito cenas escolhidas foi enquadrada em pelo menos duas das categorias criadas, ou seja, todas as cenas serão citadas e analisadas mais de uma vez, mas com diferentes enfoques e possíveis explicações que se complementam sobre o ocorrido com os personagens.

Na primeira categoria, nomeada como Subsistemas Familiares, tem-se como subcategorias os subsistemas: Parental, Fraternal ou Conjugal. A segunda categoria foi denominada Problemas de Comunicação e, juntamente com ela, constam algumas anotações para apontamentos na discussão final deste. A terceira e última categoria foi chamada de comunicação não-violenta, e divide-se em quatro subcategorias que são as quatro ações tidas como passos ou componentes, a partir do conceito de comunicação não-violenta: Observação, Sentimento, Necessidade e Pedido (Rosenberg, 2013) e foram relacionadas conforme quais destas pode-se observar em cada cena.

Tabela 1

Categorias de análise e seleção de cenas do filme Uma prova de amor

| CENA | DESCRIÇÃO DA CENA | ASPECTOS E PRINCIPAIS FIGURAS | CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS |
|--------------------------------|--|---|---|
| Cena 1 00:15:36 00:16:44 | Kate está na cama de hospital e Sara e Anna estão ao seu lado. Um dos atendentes chega com a Petição por Emancipação Médica que Anna havia solicitado com o advogado, afirmando que não quer doar um rim à Kate. As duas começam a discutir, Anna deixa claro que, diferente da irmã, ela pode escolher sobre o seu corpo. | Agressividade por parte da mãe, com violência física - tapa no rosto da filha, Anna Sara e Anna | Subsistema Familiar: Parental Problemas de Comunicação: comunicação ineficaz, autoridade hierárquica como imposição, divisão em <i>lados opostos</i> , violência física e distanciamento |

| | | | |
|--------------------------------|--|---|---|
| | Sara se quer ouve o seu lado, apenas não aceita a opinião da filha e, após discutirem, lhe dá um tapa no rosto | | |
| Cena 2 00:17:17 00:20:00 | Família toda sentada a mesa após saberem do pedido de emancipação médica/processo judicial que Anna instaurou contra seus pais. Anna inicia falando sobre os perigos da cirurgia de retirada de rim, explicando em detalhes tudo o que mudaria em sua vida se fizesse tal doação. Em dado momento, o pai, Brian, pergunta porque ela não falou antes que não gostaria de ser doadora e ela responde que não teria quando falar, pois, o pai nunca está em casa (ele é bombeiro) e a mãe não dá atenção a ela. Finaliza dizendo que o médico disse que ela teria que se cuidar para o resto da vida se fizesse tal transplante, e ela não quer doar o rim, não quer ter que se cuidar para o resto da vida, e afirma que também é importante (não somente Kate, por ser doente) | Anna consegue expressar seus sentimentos, informando seus sentimentos, necessidade e finalmente o pedido de forma compassiva e deixando claro seu desejo de não-doação. Tal fala não é recebida de forma empática pelos familiares – que só avaliam o lado de Kate e sua doença | Subsistema Familiar: Parental Problemas de Comunicação: falta de atenção na fala do outro, autoridade hierárquica como imposição, divisão em <i>lados opostos</i> CNV: Observação, Sentimento, Necessidade e Pedido |
| Cena 3 00:49:45 | Kate chega do seu primeiro encontro e acorda Anna para | Kate fala abertamente e com | Subsistema familiar: Fraternal |

| | | | |
|--------------------------------|--|---|--|
| 00:50:44 | contar como foi. Fala de seus sentimentos e de como foi, Anna ouve, atenta e fazendo perguntas | sinceridade sobre suas emoções, sentimentos e percepções e Anna ouve com empatia | CNV: Observação e Sentimento. Escuta empática. |
| Anna e Kate | | | |
| Cena 4 01:04:17 01:05:37 | Sara e sua irmã conversam sobre a possível doação de rim de Anna para Kate e sobre o processo judicial. A irmã de Sara abre seus olhos quanto à morte eminente de Kate, e a recorda que ainda existe uma vida sem ela, por mais difícil que seja imaginar isso, e que ela ainda tem dois outros filhos | Conseguem conversar e ouvir uma a outra utilizando a CNV, mesmo tendo pontos de vistas opostos Sara e sua irmã | Subsistema familiar: Fraternal. CNV: Observação, Sentimento. |
| Cena 5 01:08:08 01:09:26 | Kate está em seus últimos dias de vida e fala ao pai que quer ir para praia. Brian conversa com o médico de Kate, que autoriza, e combina com os filhos. Quando eles chegam em casa para pegar as coisas para ir para a praia e Sara vê toda a situação, ela surta. Aos gritos, ela e Brian começam a brigar descontroladamente. Ele, inclusive, ao se <i>desvencilhar</i> dela - que está tentando pegar a chave do carro de suas mãos, a deixa | Palavra ditas de forma agressiva, impensada e impulsiva, (principalmente por Sara) Sara, Brian, Kate, Jesse e Anna. Somente Sara e Brian falam, mas todos estão presentes | Subsistema familiar: Conjugal Problemas de Comunicação: impulsividade, raiva, agressividade, intolerância, falta de atenção na fala do outro, divisão em <i>lados opostos</i> |

cair no chão. Algumas frases fortes são ditas por Brian, como: “Nos últimos 14 anos foi do seu jeito, hoje será do meu. Ela quer ir para a praia e é lá que ela irá” e “se você não for eu quero o divórcio”

| | | | |
|--------------------------------|--|--|---|
| Cena 6 01:23:00 01:23:50 | No tribunal, Jesse toma frente e conta a todos o real motivo pelo qual Anna instaurou o processo contra seus pais: Kate que implorou para que ela o fizesse, por não querer a doação do órgão e desejar, finalmente, partir/morrer | A cena começa tensa mas Jesse consegue se expressar abertamente, pai e Anna ouvem com empatia e o outro, apoiam, mãe reluta mas parece entender posteriormente | Subsistema familiar: Parental Problemas de Comunicação: intolerância, falta de atenção na fala do outro, divisão em <i>lados opostos</i> CNV: Observação e sentimento |
| Cena 7 01:25:25 01:28:28 | Kate pedindo a Anna para que entrasse na justiça para a não doação do rim e deixasse-a finalmente partir | Ambas falam sobre o que pensam sobre a morte, e choram muito Anna e Kate | Subsistema familiar: Fraternal CNV: Observação, Sentimento, Necessidade e Pedido Escuta empática |
| Cena 8 01:34:00 01:36:52 | Kate e Sara finalmente conversam abertamente sobre a morte, e a mãe entende que chegou a hora de deixar a filha ir. A cena finaliza com ambas abraças e, depois, Anna | Momento mais emocionante do filme. Ambas choram muito Kate e Sara | Subsistema familiar: Parental CNV: Observação, Sentimento, |

narrando que foi naquela noite
que Kate morreu

Necessidade e Pedido
Escuta empática

Categoria 1: Subsistemas Familiares

Nas cenas 1, 2, 6 e 8 o subsistema familiar que está presente é o Parental, no qual, se fazem presentes os pais e um ou mais dos filhos. Tais cenas, quando enquadradas na categoria do subsistema parental, dizem respeito à forma como esse casal desempenha as suas tarefas enquanto pais.

Pelo subsistema parental, consegue-se compreender um pouco melhor sobre a dinâmica desta família, ou seja, de qual maneira a mesma se expressa. Levando em conta a premissa sistêmica de que os membros de uma família simultaneamente influenciam e são influenciados uns pelos outros, e que os pais – conforme organização da pirâmide, estariam no topo, desta forma, influenciando de forma contundente os demais membros do sistema. Ou seja, no sistema parental - neste caso, tanto na relação de um dos pais com um dos filhos quanto de toda a família, o comportamento de um membro da família desencadeia sentimentos, comportamentos, e emoções em outros membros, que, concomitantemente, eliciam comportamentos, sentimentos e emoções reativas no membro original (Nichols & Schwartz, 2009). Então, toda vez que esse processo ocorre, a volatilidade da dinâmica familiar escala; quando todos os membros da família conseguem, em uma conversa para resolver um conflito, por exemplo, falarem e serem ouvidos tais comportamentos tendem a se repetir da próxima vez, buscando tal resolução sem maiores conflitos. Em contrapartida, quando essa dinâmica familiar é disfuncional, tal conversa ocasiona o desentendimento entre todo o sistema, acabando com a homeostase e deixando a família vulnerável a mais espirais negativas de conflito (Nichols & Schwartz, 2009).

Nas cenas 1 e 8, nas quais a relação apresentada é da mãe, Sara, com as filhas Anna e Kate, é possível entender um pouco melhor a dinâmica de funcionamento dessa esfera da família. Em uma das cenas mais agressivas contidas no filme, a cena 1, o subsistema parental é expresso pela relação de Sara e sua filha mais nova, Anna. No recorte de cena a mãe se mostra bastante desconcertada com a situação criada pela filha, na qual a mesma se recusa a doar um órgão à sua irmã doente, solicitando então a sua Emancipação Médica. Este é o primeiro momento no filme no qual fica claro o quanto Sara é autoritária, na maioria dos momentos tomando todas as decisões e resolvendo todos os conflitos da família. Quando leva-se em conta a posição autoritária de Sara, tal aspecto pode ser prejudicial para o desenvolvimento da autonomia funcional em seus filhos. Pode-se, inclusive, identificar associação entre autonomia funcional e estilo educativo materno; neste caso, quando a mãe

se mostra autoritária, controladora, os jovens podem vir a demonstrar dificuldades em encontrar formas para realizar suas metas e desejos no futuro, por exemplo (Reichert, 2006). Tal aspecto fica muito evidente nesta primeira cena pois, ao final do filme, descobre-se que Anna só solicita sua Emancipação Médica, pois foi convencida por sua irmã mais velha e doente, Kate, visto que apesar desta última ter tentado de diversas maneiras conversar com a sua mãe sobre seu desejo de finalmente descansar, Sara mantinha-se firme e cega em sua posição, não deixando a filha adolescente decidir por si só. Este fato apenas reitera o quanto a autonomia da filha realmente mostrou-se prejudicada pelo estilo educativo e de se expressar desta mãe, tendo que envolver um processo judicial para ser ouvida pela mãe e expressar seu desejo final.

Em contrapartida, na cena 8, quando Kate finalmente consegue conversar com sua mãe sobre a morte e o sobre quanto quer finalmente que essa mãe a deixe partir, Sara cede e por fim acaba por ouvir e aceita a decisão de sua filha doente. Levando em conta tal comportamento desta mãe frente a situação apresentada, pode-se compreender o autoritarismo – visto como negativo na cena 1, neste caso como um aspecto importante, se levada em consideração sua relevância no “estabelecimento de limites firmes no início do desenvolvimento adolescente para encorajar a independência dos filhos, assim como para que eles possam tomar suas próprias decisões no futuro” (Reichert, 2006, p. 25).

Nas cenas 2 e 6, nas quais todos os membros da família estão presentes (Brian, Sara, Jesse, Kate e Anna) torna-se ainda mais explícito o quanto essa mãe toma a frente nos conflitos, deixando o pai, Brian, como *apaziguador* das situações conflitantes. Todos esses eventos são importantes à medida que, são por meio dessas situações que a família, de fato, expressa a sua dinâmica de funcionamento. Na cena 2, vê-se toda a família sentada a mesa, no que parece ser uma reunião familiar, após saberem sobre o pedido de Emancipação Médica/processo judicial que Anna instaurou contra seus pais. No momento em que Anna inicia falando sobre os perigos da cirurgia de retirada de um rim, explicando em detalhes tudo o que mudaria em sua vida se fizesse tal doação, o pai, Brian, pergunta porque ela não falou antes que não era seu real desejo realizar a doação, agindo como questionador e tentando entender tal comportamento da filha e, talvez, até protege-la do que viria a seguir: uma discussão com sua mãe.

Nunes, Silva e Aiello (2008) em sua pesquisa citam a importância do envolvimento do pai para a proteção contra desajustes psicológicos e estresse futuro na vida de seus filhos. No mesmo trabalho, os autores salientam sobre o papel do pai na dinâmica familiar e citam que, na maioria dos casos, o papel do pai é principalmente de provedor, focando seus cuidados em não deixar faltar nada ao filho adoentado, mas não sendo o personagem

principal dos cuidados em si (Nunes et al., 2008). Este, pertencendo à mãe, bem como as tarefas domésticas e, tais fatos são perfeitamente observados em vários momentos do longa-metragem. Nunes et al. (2008) também levantam uma possível explicação para tais comportamentos de o pai atribuir-se a segunda posição dentro da família: tal comportamento ocorre quando se percebe grande envolvimento da esposa nas responsabilidades e decisões familiares (exatamente o que se observa em Sara). Corroborando com o citado acima, na cena 6, também nota-se como a mãe toma a frente na discussão que ocorre no tribunal, deixando Brian e sua opinião/fala em segundo plano, no momento em que o filho mais velho, Jesse, resolve contar à todos o real motivo do pedido de Emancipação Médica de Anna: o pedido de Kate para que enfrentasse e mostrasse aos pais (principalmente à mãe) qual era o seu real desejo naquele momento.

O subsistema fraternal, destacado nas cenas 3, 4 e 7 é caracterizado, principalmente, por apoio mútuo, bem como pela brincadeira e pela competição (Calil, 1987). Na cena 3, se vê tal relação de apoio mútuo entre as irmãs Kate e Anna; no momento em que Kate chega em casa de seu primeiro encontro romântico, a mesma acorda sua irmã mais nova, Anna, para as duas conversarem sobre os acontecimentos daquela noite. Kate revela que o motivo de seu sorriso bobo é que ela deu seu primeiro beijo naquela noite. Anna ouve com atenção e questiona, caracterizando fielmente a definição de Calil (1987) sobre a relação fraternal.

O percebido na cena 4 é um tipo único e distinto de relação fraternal visto no artefato cultural escolhido: a relação da matriarca da família, Sara, com sua irmã – que a ajuda a cuidar das tarefas domésticas e de Kate eventualmente. Na cena, Sara e sua irmã conversam sobre a possível doação de rim de Anna para Kate e os riscos que envolvem tal procedimento. Conversam também sobre o processo judicial que Anna instaurou contra os pais. Durante esse diálogo, a irmã de Sara expressa a sua sincera opinião quanto à morte eminente de sua sobrinha, Kate, e recorda a sua irmã que ainda existiria uma vida à ser vivida se a sua filha adoentada partisse, lembrando-a de que ela ainda possuía outros dois filhos. Neste momento, além da relação de apoio mútuo típica do subsistema fraternal, também observa-se outros aspectos tidos como peças chave para a relação de irmãos: a aliança, a sinceridade, a amorosidade e a compaixão, por exemplo (Relvas, 1996).

Tais aspectos também possuem grande relevância na relação fraternal observada na cena 7, a qual finalmente revela o *plot twist* contido na obra cinematográfica: Kate foi quem solicitou desesperadamente à sua irmã mais nova, Anna, para que ela entrasse na justiça solicitando a Emancipação Médica alegando se recusar a doar um de seus rins para ela, finalmente deixando-a morrer. Tal cena mostra a relação forte de aliança e de confiança mútua entre as irmãs, pois Kate pede segredo, afirmando que só assim a mãe delas, Sara,

entenderia seu desejo de parar com as cirurgias e procedimentos invasivos e a deixaria partir. Na visão de Kate, somente quando a mãe entendesse todos os procedimentos cirúrgicos e o sofrimento que já havia causado em sua filha mais nova – desde seu nascimento até o presente momento, ela entenderia que já era o bastante e todas podiam parar de lutar, pois o que Kate mais queria era descansar. Posteriormente, outra aliança fraternal típica também é observada, pois Anna precisa revelar o segredo ao irmão mais velho delas, Jesse, dado que ela precisa de auxílio de alguém mais velho em alguns de seus movimentos em busca da Emancipação Médica. Elas optam por contar a ele para que Anna obtenha o auxílio de alguém mais velho que se faz necessário, ocasionando uma união entre todos os irmãos – mesmo que baseada em um segredo familiar.

A cena escolhida para representar a relação do subsistema conjugal é a de número 5. Nesta, Brian e Sara discutem após a decisão do pai de acatar ao desejo de Kate e levá-la a praia. Nunes et al. (2008) relatam o quanto a presença de um filho com necessidades especiais ou doença crônica pode influenciar no relacionamento conjugal e nas interações do casal. Sabe-se que dentro do subsistema conjugal, destacam-se algumas tarefas e funções. Estas, que são complementares e recíprocas, bem como vitais para o funcionamento e homeostase da família como um todo. Deve ser desenvolvida uma relação de complementaridade e apoio entre os integrantes desse subsistema. Ademais, durante o convívio e passar dos anos, o casal pode ajudar tanto a desenvolver aspectos positivos quanto negativos em seu parceiro (Amazonas & Braga, 2006). No recorte escolhido, percebe-se que no presente momento Sara e Brian despertam aspectos negativos um no outro, gerando um conflito e uma discussão bastante agressiva, fazendo-os repensar até mesmo o seu casamento – mesmo que momentaneamente e no calor do momento.

Categoria 2: Problemas de comunicação

Os recortes escolhidos para elucidar a categoria denominada Problemas de comunicação são as cenas 1, 2, 5 e 6. Conforme relatado na revisão da literatura deste, já sabe-se o quão imprescindível para um bom funcionamento geral é a comunicação dentro da família. Tal aspecto fica ainda mais evidente quando, na família em questão, tem-se indivíduos na fase adolescente. Estes indivíduos estão em uma fase de muitas mudanças; mudando sua forma de pensar, criando suas próprias ideias, desejos e convicções, e em contato com diversos estímulos e informações recebidas do meio externo também. Diante disto, talvez uma das maiores dificuldades enfrentadas nesta fase pelos pais, seja ajustarem-se a uma forma eficaz e não conflituosa de educar e informar seus filhos sobre essas transformações decorrentes desta fase, bem como sobre o mundo num geral (Morgado et al.,

2014). No artefato cultura escolhido, sabe-se somente a idade um dos filhos de Sara e Brian, Anna, que tem 11 anos. As idades de Kate e Jesse ficam implícitas durante o longa-metragem, mas com base em algumas informações que o filme aborda, poderia supor que Kate teria aproximadamente 17 anos e Jesse, 19. Levando em conta tais dados levantados, Anna estaria na fase de pré-adolescência, enquanto seus dois irmãos já teriam entrado no período da adolescência. Quando leva-se em conta, além de toda a fase de mudança que a adolescência já traz consigo, também a doença terminal de Kate e seus impactos na dinâmica e comunicação familiar como um todo, a forma de se relacionar e dialogar dessa família se torna ainda mais difícil e subjetiva.

Tais afirmações se tornam ainda mais evidentes na cena 1, na qual Sara e Anna discutem sobre o pedido de Emancipação Médica. Neste momento, percebe-se claramente inúmeras falhas na forma de se comunicar de mãe e filha, destacam-se: comunicação ineficaz, autoridade hierárquica como imposição, divisão em *lados opostos*, violência física e distanciamento relacional. Portugal e Alberto (2010) descrevem e fazem referência ao que podemos observar nitidamente no comportamento de Sara durante todo o longa: o exercício de uma autoridade para a resolução de conflitos familiares. Percebe-se que, quando ocorrem desentendimentos sem soluções *fáceis* ou imediatas na família analisada por meio do artefato cultural, os mesmos organizam-se hierarquicamente – com Sara, a matriarca, tomando a frente em todas as decisões. Usando a autoridade como a solução para a questão, alguns membros se sentem incomodados, na cena em questão, Anna, e a satisfação nas relações tende a diminuir drasticamente.

No momento em que alguma situação como a examinada ocorre, a permeabilidade das fronteiras e a neutralidade na comunicação num geral também se alteram, deixando os membros da família em *lados opostos* (Minuchin et al., 2008). A ideia de divisão em dois lados opostos é claramente observada na cena 1 - na qual Anna processa os pais deixando-os literalmente em lados opostos diante de um júri posteriormente, e mantido até as cenas finais do filme. Tal separação em polos contrários prejudica toda a comunicação da família, ocasionando ainda mais conflitos durante vários momentos do filme.

Ademais Sara e Anna também protagonizam uma cena de agressão neste momento, no qual a mãe dá um tapa no rosto da filha quando a mesma expressa sua negação em doar o rim à irmã. Conforme citado na revisão da literatura, a autoridade dos pais, usada para resolver conflitos, pode ser a salvação em alguns momentos e em algumas famílias, e os filhos aprenderem durante todo esse processo. Em contrapartida, quando a força bruta torna-se uma maneira de impor limites ou encontrar soluções, geralmente os envolvidos/agredidos

apresentam uma má adaptação, como visto nas cenas posteriores que envolvem essa esfera relacional de mãe e filha (Minuchin et al., 2008).

Na cena 2 também identificam-se problemas comunicacionais, tendo como protagonistas quase todos os personagens da trama, salvo Kate. Anna, Sara, Brian, Jesse e a irmã de Sara estão sentados à mesa em uma conversa com falas sérias e bastante alteradas sobre o pedido de Emancipação Médica de Anna. Tendo como foco inicial o questionamento do pai à Anna sobre o porquê de ela ter entrado com o processo judicial antes de tentar conversar com eles, já fica evidente diante dos olhos do pai o óbvio: ela tinha tentado falar, só não havia sido ouvida. Portugal e Alberto (2010) validam e explicam que, a longo prazo, uma comunicação ineficaz dentro das famílias pode ocasionar a deterioração na relação entre pais e filhos, acarretando o distanciamento e/ou estabelecimento de relações de conflito baseadas, fundamentalmente, em uma comunicação ineficiente.

Na cena 5, observam-se problemas na comunicação no âmbito conjugal, Sara e Brian; o casal discute ferozmente e Brian chega a *derrubar* a esposa no chão, após desvencilhar-se do seu pedido para que não saísse de casa com a filha doente deles. Figueredo (2005) cita que, numa interação mais íntima, no qual as pessoas são mais próximas, a comunicação verbal é um importante instrumento no estabelecimento e manutenção de tal intimidade que, quando se mostra ineficaz, acaba por afastar o casal. A autora ainda cita que há uma estreita relação entre a comunicação e o casamento na qual, o casal interage de forma íntima e constante, o que leva a encontros e desencontros nas informações comunicadas (Figueiredo, 2005). Desencontros causados justamente pela constante interação entre os pares, bem como a extrema intimidade, que os deixa falarem de forma automática e por vezes até impensada, podendo ocasionar desentendimentos.

Sobre o ato um tanto quanto violento de Brian, que retira os braços de sua esposa de seu corpo quando a mesma lhe implora para permanecer em casa, fazendo com que ela caia no chão. Figueredo (2005) cita que esses tipos de comportamentos podem estar vinculados a uma comunicação infrutífera e interação prejudicada do casal, visto que, uma das habilidades mais reconhecidas como satisfatórias para a relação conjugal é a empatia. Por meio dela é possível que um compreenda os sentimentos, pensamentos e perspectivas do outro, experienciando a compraixão e preocupação com o bem-estar da outra pessoa. Quando ocorrem ações mais violentas, como a observada, tal habilidade – a empatia, é deixada de lado e a relação e a comunicação do casal assume um outro *modus operandi*.

Por ocuparem o mesmo espaço físico, o casal é constantemente impelido à comunicar a encarar o cônjuge face a face, a discutir sobre suas diferenças, a abordarem assuntos diversos e a trocar confidências pertinentes única e

exclusivamente àquela relação. Por essa rotina constante, a comunicação permeia o cotidiano do casal. É comum, em qualquer interação social, que a mensagem que se pretende emitir não seja plenamente compreendida, a outra pessoa pode ser atingida ou não. Na intimidade conjugal, essa incompreensão pode ser comprometedora para a saúde do casamento. Duas pessoas morando juntas, vivem, inevitavelmente, diferenças, desagradados e conflitos, o poder da comunicação pode ser determinante para a resolução desses problemas. [...] A deficiência na comunicação entre os casais é um forte gerador de outros conflitos, como é o caso da violência ou a agressão física. Se em um casamento a mulher possui maior habilidade, maior competência verbal do que seu marido, conseqüentemente, ele poderá reagir com agressão física, por conta da incapacidade de expressar-se adequadamente na relação com sua esposa (Figueredo, 2005, p. 128-129).

A cena 6 apresenta uma dinâmica parecida com a já citada cena 2, na qual um dos filhos também demonstra uma postura desafiante para com os pais. Nesta, o filho mais velho, Jesse, resolve expressar frente a todos, já no tribunal, o real motivo pelo qual Anna instaurou o processo judicial contra seus pais: Kate que implorou para que ela o fizesse, por não querer a doação do rim da irmã e desejar, finalmente, partir/morrer. Jesse enfrenta firmemente seu pai, Brian, que solicita que o mesmo se cale, e sua mãe, que o pede para sair do tribunal. Jesse se exalta, acaba por gritar e, somente assim é ouvido.

No que se refere à comunicação e a relação pais e filhos, Morgado et. al. (2014) afirmam que é comum na fase adolescente, na qual Jesse e Kate se encontram, que os pais questionem seus posicionamentos, bem como seus papéis enquanto cuidadores e sintam necessidade de encontrar novas estratégias para lidar com os filhos, visto que os moldes anteriores já não funcionam tão bem como antes. Neste momento, Morgado et. al. (2014) também afirmam que, exatamente como se observa no filme, costuma haver grande disputa de forças entre pais e filhos, “os filhos questionando e contrariando os moldes e crenças de seus pais e os pais buscando manter sua posição de autoridade. Devido a estas disputas que se entende à necessidade do diálogo entre pais e filhos, para possibilitar a troca de experiências.” (p. 8-9)

Além disso, leva-se em conta também a repetição dos problemas comunicacionais desta família, destes destacam-se: a intolerância, a falta de atenção na fala do outro, a divisão em *lados opostos*, a autoridade hierárquica como imposição e a impulsividade. Tais aspectos apenas demonstram ainda mais a ideia de qual o tipo de funcionamento retroalimentativo e de repetição de comportamentos desta família no qual, o processo de comunicação na família é percebido como “um sistema interativo onde o comportamento de cada indivíduo é fator e

produto do comportamento dos outros, os resultados finais dependem menos das condições iniciais e mais do processo comunicativo” (Dias, 2010, p. 152). Sendo assim, a partir do momento em que os integrantes da família se *acostumam* a comunicarem-se de uma maneira em um momento de conflito, por exemplo – sendo essa comunicação violenta ou não, esta, tende a se repetir sempre que uma situação semelhante ocorrer. Ou seja, no sistema de comunicação familiar não deve haver apenas *coincidências* entre o conteúdo da comunicação (mensagem/o que é falado) emitido pela fonte (quem está falando) da comunicação e a mensagem percebida pelo destinatário (quem está ouvindo) da comunicação. Isto é, não devem existir barreiras e obstáculos para a comunicação familiar, ela deve ser clara e direta, bem como, honesta e compassiva. Não deve existir nada que dificulte a compreensão do que se está querendo falar, pois isso apenas resulta em erros comunicacionais e, consecutivamente, conflitos, instabilidade e desequilíbrio do sistema familiar como um todo (Dias, 2010).

Categoria 3: Comunicação não-violenta (CNV)

A categoria 3, que diz respeito à CNV e seus componentes, se fez presente em quase todas as cenas escolhidas. Alguns dos componentes da CNV foram observados nas cenas de número 2, 3, 4, 6, 7 e 8. O primeiro dos quatro componentes que são a base da CNV é a observação. Esta, se resume em observar o que de fato está acontecendo, sem julgamentos, sem fazer juízo de valor e sem separar em *certo* e *errado* (Rosenberg, 2013). A identificação dos sentimentos assume o segundo passo para que se consiga obter uma comunicação clara e compassiva. Neste segundo movimento, o foco é em, após observar, identificar o que se sente e nomear tal sentimento, por exemplo: raiva, medo, decepção, etc. Entender do que se precisa surge como o terceiro passo, identificar a necessidade ou desejo, de forma conectada ao observado e ao sentimento gerado é o terceiro passo. Como quarto e último passo para que se consiga realizar uma comunicação clara e compassiva tem-se, finalmente, o pedido (Rosenberg, 2013). Neste, a ideia é que se informe o que foi observado, sentido e do que se precisa a partir disso. Atrelado aos quatro componentes também tem-se a parte da escuta, que se resume em, basicamente, estar presente de corpo, alma e coração nas relação. Ouvir, entender e acolher com empatia e sem pré-julgamentos (Rosenberg, 2013). Nas cenas 3, 4 e 6 os componentes observados são somente a observação e a expressão do sentimento que foi identificado, não há explicitude sobre a necessidade ou algum tipo de pedido. Na cena 3, além dos dois componentes, temos também a exemplificação de uma escuta empática por parte de Anna para com Kate, na qual ouve com atenção, compaixão e paciência os relatos da irmã sobre seu encontro e seu primeiro beijo.

Já nas cenas 2, 7 e 8 todos os passos da CNV são apresentados: a observação, o sentimento, a necessidade e o pedido. Nota-se que, na cena 2, na qual Anna fala abertamente pela primeira vez sobre o motivo que a levou a solicitar sua Emancipação Médica, mesmo ela fazendo uso dos quatro passos da CNV com maestria, como os ouvintes não estavam realmente abertos a ouvir sem julgar ou a receber tais palavras com empatia, houve conflito do mesmo jeito. Tal fato somente reforça as ideias de Rosenberg (2013) que afirma que a CNV é uma via de mão dupla: à medida que a pessoa consegue manter sua atenção concentrada nos quatro componentes e ajuda os outros a fazerem o mesmo, alcança-se o estabelecimento de um fluxo de comunicação dos dois lados, até a compaixão se manifestar naturalmente. Logo, entende-se que a CNV possui duas partes que se complementam: “expressar-se honestamente por meio dos quatro componentes e receber com empatia por meio dos quatro componentes” (Rosenberg, 2013, p. 27).

Nas demais cenas (7 e 8) nas quais avistou-se, além dos quatro componentes, a aliança deles com uma escuta empática, não foram observadas resistências ou conflitos, somente a expressão de compaixão e sinceridade nas relações. Rocha (2017) explica que, quando há o uso dos quatro componentes da CNV juntamente com o uso dos mesmos quatro passos para que haja uma escuta empática nota-se a melhora na habilidade de comunicar-se minimizando não só as resistências, mas também as reações defensivas e um possível ato violento. Também percebe-se uma considerável melhora na forma como os indivíduos se expressam em outras relações, bem como ouvem os outros e resolvem conflitos – de modo consciente, entendendo melhor sobre o que é observado, sentido, necessitado e demandado. O principal objetivo do uso da CNV nas relações familiares, então, é fazer com que as pessoas constituam relacionamentos sinceros e empáticos – dentro e fora desse seio familiar.

Ademais, ainda mostra-se evidente o fato de que, com o uso de alguns ou até mesmo de todos os passos da CNV combinados com a escuta empática, por mais que os indivíduos tenham opiniões contrárias ou discordem totalmente de algo, o conflito raramente ocorre. Todos comunicam o que observam, sentem, necessitam e desejam e ouvem o outro, sem julgamentos e, com isso, os conflitos são evitados (Rosenberg, 2013). Se, na categoria denominada como problemas de comunicação, tal técnica tivesse sido totalmente ou parcialmente utilizada nas cenas protagonizadas pelos personagens, acredita-se que as discussões seriam evitadas e, com isso, as consequências que os conflitos ocasionaram na família certamente seriam abrandados.

Por fim, se tem a certeza de que o processo de comunicação na família é, além de primordial para a saúde da mesma, um sistema interativo no qual o comportamento de cada indivíduo é fator e produto do comportamento dos outros, e os resultados finais dependem

menos das condições iniciais e mais do processo comunicativo entre eles. As famílias necessitam, de fato, dialogar, pois a comunicação afeta - de forma a facilitar ou dificultar o relacionamento de seus membros. Conforme descrito, muitas mudanças ocorrem no ciclo vital dessa família, com isso, a forma pela qual esses indivíduos se expressam também se altera e é preciso que sempre ocorra uma adaptação na comunicação, com o intuito de acompanhar o período do ciclo vital em que a família se encontra (Rosenberg, 2013). A CNV surge, então, como uma proposta para alterar positivamente a forma como os membros dessa família se comunicam, facilitando a busca por uma homeostase no funcionamento geral da mesma - mediante os acontecimentos e fases da vida de cada um de seus membros, individualmente e no seio familiar. Os conceitos da CNV, se aplicados na relação familiar conforme discorre-se, mostram-se bastante positivos e alterações pequenas, mas assertivas podem ocorrer, facilitando o processo de comunicação dentro das famílias como um todo, e o deixando mais claro, honesto e compassivo. Mas, deve-se sempre levar em conta a subjetividade: cada família possui uma forma individual de comunicar, e isso deve ser respeitado, sempre pautando até onde a comunicação se faz saudável e proveitosa para todos os membros da família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve por objetivo identificar possíveis contribuições da CNV para a resolução de problemas de comunicação de famílias. Os materiais utilizados para a construção do trabalho foram baseados na perspectiva da psicoterapia sistêmica, analisando historicamente o conceito e a formação das famílias, a fim de entender quais são as mudanças que ocorreram nesses últimos anos, e como tais mudanças impactam também na forma de comunicação desses indivíduos dentro do sistema familiar. Assim, buscou-se compreender de que forma a comunicação é aprendida e expressa dentro dessa família e, a partir disso, como os conflitos advindos da má comunicação ocorrem, bem como se esses podem ser diminuídos mudando a forma como os indivíduos se comunicam.

Sendo assim, se fez possível a melhor compreensão sobre as mudanças comunicacionais e interacionais que ocorrem dentro do sistema familiar mediante o passar do tempo. Foi possível compreender, de forma mais clara, como as famílias se adaptam – ou não, às mudanças que ocorrem no ciclo vital familiar e como estas impactam na forma como os membros dessa família se comunicam. Afinal, entender a interação entre os membros da família significa compreender a família como um todo, pois o comportamento desses influencia-se mutuamente.

Também, foi possível compreender melhor sobre a CNV e em como esta ideia da comunicação clara, direta, compassiva e empática pode ser aplicada em inúmeros contextos. Tal estilo de comunicação faria com que os membros da família estudada, por exemplo, alcancem novos níveis de consciência e as palavras que antes seriam repetitivas e ditas de forma automática se tornariam respostas conscientes, baseadas na percepção do que cada um está, de fato, sentindo mediante o ocorrido. Para este fim, o foco seria que cada um se expressasse com bastante honestidade e clareza, tornando a comunicação familiar como um todo muito mais atenciosa e respeitosa.

Diante do presente estudo realizado, buscou-se tornar mais clara a afirmação de que bons níveis de comunicação familiar, são, de fato, elementos primordiais para a diminuição dos problemas comportamentais e de comunicação das famílias. Perante à análise e interpretação dos resultados utilizando o artefato cultural cinematográfico *Uma prova de amor* (2009) tornou-se ainda mais evidente o quanto uma boa comunicação familiar significaria sim uma diminuição consideravelmente grande nos conflitos acarretados pelas próprias relações – por vezes íntimas demais, por vezes distantes demais. Tal alteração na forma de se comunicar, melhoraria as relações conjugal, fraternal e parental como um todo. Isso porque abrange todos os membros da família e tem seu foco no desenvolvimento e

evolução das relações internas, refletindo, então, na melhora em todas as relações (pessoais e interpessoais) dos membros dessa família e conseqüentemente no comportamento de todos.

Visto que, já sabe-se que a família é o primeiro espaço para a interação, comunicação, elaboração de aprendizagens, autoconhecimento, local no qual as emoções e afetos - positivos ou negativos, pode-se fazer uso dos aspectos da CNV para que as famílias comuniquem-se de maneira mais clara, direta, compassiva e honesta e para haja a redução dos conflitos entre os membros da mesma.

A partir disso, sugere-se, então, que estudos continuem sendo realizados nessa área, pois sentiu-se falta de materiais mais específicos ligando a CNV aos processos de comunicação nas famílias, visando a redução de conflitos e melhora nas relações. Levando em conta a importância e relevância do tema, bem como suas possíveis aplicações na terapia familiar por meio do viés Sistêmico, do ponto de vista da psicologia, espera-se que num futuro próximo existam pesquisas mais aprofundadas, continuando os estudos apresentados neste trabalho.

REFERÊNCIAS

- Amazonas, M. C. L. A., & Braga, M. G. R. (2006). Reflexões acerca das novas formas de parentalidade e suas possíveis vicissitudes culturais e subjetivas. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 9(2), 177-191. DOI: 10.1590/S1516-14982006000200002.
- Baptista, M. N., Teodoro, M. L. M. (Orgs.) (2012). *Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenções*. São Paulo: Artmed.
- Calil, V. L. L. (1987). *Terapia familiar e de casal: introdução às abordagens sistêmicas e psicanalítica* (Vol. 31). São Paulo: Grupo Editorial Summus.
- Correia, M. R. R. (2015). *Qualidade de vida, satisfação e comunicação com a família em idosos*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Mestrado em Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapias, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa: Portugal.
- Dias, M. O. (2011). Um olhar sobre a família na perspectiva sistêmica—o processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e desenvolvimento*, 19, 139-156. DOI: 10.7559/gestaoedesenvolvimento.2011.140
- Figueredo, P. da M. V. (2005). A Influência do locus de controle conjugal, das habilidades sociais conjugais e da comunicação conjugal na satisfação com o casamento. *Ciências & Cognição*, 6, 123-132. Aceso em 31 de maio, 2020, de <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/539>
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed.). São Paulo. Editora Atlas S.A.
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas*. (H. Monteiro & F. Settineri, Trans.). Porto Alegre: Artes Médicas/Belo Horizonte: Editora da UFMG. (Trabalho original publicado em 1997).
- Mangueira, S. O., & Lopes, M. V. O. (2014). Família disfuncional no contexto do alcoolismo: análise de conceito. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 67(1), 149-154. DOI: 10.5935/0034-7167.20140020
- Minuchin, S., Lee, W. Y. & Simon, G. M. (2008). *Dominando a terapia familiar* (2ª ed., G. Klein, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1996)
- Morgado, L. V., Andrade, L. C., Santos, A. & Narezi, J. (2014). Ciclo vital da família: A comunicação entre pais e filhos na fase adolescente. In Universidade de Taubaté (Eds). *III Congresso Internacional de Ciência Tecnologia e Desenvolvimento*. Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento Social. Taubaté, Brasil. Aceso em 15 de julho, 2020, de http://www.unitau.br/files/arquivos/category_154/MPB1488_1427286040.pdf

- Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (2009). *Terapia Familiar: Conceitos e Métodos* (9ª ed., A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artmed Editora.
- Nunes, C. C., Silva, N. C. B. D., & Aiello, A. L. R. (2008). As contribuições do papel do pai e do irmão do indivíduo com necessidades especiais na visão sistêmica da família. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(1), 37-44. DOI: 10.1590/S0102-37722008000100005.
- Parzianello, S. B. (2019). Formações Discursivas na Comunicação Não Violenta. *RELACult: Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, 5(num. esp.), 1-10. DOI: 10.23899/relacult.v5i4.1355.
- Pelizzoli, M. L. (2012). *Introdução à Comunicação Não Violenta (CNV)-reflexões sobre fundamentos e método*. Diálogo, mediação e justiça restaurativa. Recife: Edufre. Acesso em 04 de junho, 2020, de https://www.ufpe.br/documents/623543/624496/Introdu%C3%A7%C3%A3o_%C3%A0_Comunica%C3%A7%C3%A3o_N%C3%A3o_Violenta_CNV_.pdf/a26d91e3-229f-4759-b1a5-01f2de3e4b68
- Portugal, A. & Alberto, I. (2010). O Papel da Comunicação no Exercício da Parentalidade: Desafios e especificidades. *Psychologica*, 52(2), 387-400. DOI: 10.14195/1647-8606_52-2_16
- Reichert, C. B. (2006). Autonomia na adolescência e sua relação com os estilos parentais. Dissertação de mestrado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família: perspectiva sistêmica*. Porto, Portugal: Afrontamento.
- Rocha, C. R. (2017). *Manual de comunicação não violenta para organizações*. Brasília: Universidade de Brasília.
- Rosenberg, M. B. (2013). *Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais* (2ª ed., Vilella, M. Trad.). São Paulo: Ágora. (Trabalho original publicado em 2006)